

La comprensión de otros mundos: teoría y método para analizar imágenes ameríndias

Understanding of Others Worlds: Theory and Method for the Analysis of Amerindian Images

Recebeu: 14/01/2017

Aceitou: 30/10/2017

Disponível online: 08/06/2019

*Denise Maria Cavalcante Gomes**

Resumo

O propósito desse artigo é abordar tendências recentes relativas à teoria e método em Arqueologia visando o estudo das imagens no mundo ameríndio. Um histórico das abordagens teóricas é elaborado, demonstrando a longa permanência do enfoque representacional. Uma ruptura é observada com os debates sobre as novas materialidades e em especial a abordagem ontológica, que se opõe à lógica do simbolismo e oferece outras possibilidades de análise por meio de metodologias não-representacionais.

Palavras-chave: arqueologia, mundo ameríndio, iconografia, métodos, novas materialidades

Revista Kaypunku / Volumen 4 / Número 1 / Junio 2019, pp. 101-130
Documento disponible en línea desde: www.kaypunku.com



Esta es una publicación de acceso abierto, distribuida bajo los términos de la Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-Sin ObraDerivada 4.0 Internacional (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite el uso no comercial, compartir, descargar y reproducir en cualquier medio, siempre que se reconozca su autoría. Para uso comercial póngase en contacto con kaypunku@gmail.com

* Departamento de Antropología, Museo Nacional, Universidad Federal de Rio de Janeiro, Brasil.
denisecavalcante@yahoo.com

Resumen

El propósito de este artículo es abordar tendencias recientes relativas a la teoría y método en Arqueología con vistas al estudio de las imágenes en el mundo amerindio. Se elabora un análisis histórico de los abordajes teóricos para demostrar la larga permanencia del enfoque representacional, para luego reconocer una ruptura a partir de los debates sobre las nuevas materialidades, en particular, el abordaje ontológico que se opone a la lógica del simbolismo y ofrece otras posibilidades de análisis por medio de metodologías no-representacionales.

Palabras clave: arqueología, mundo amerindio, iconografía, métodos, nuevas materialidades

Abstract

The purpose of this article is to address recent trends in relation to theory and method in Archaeology concerning the study of images from the Amerindian world. A history of theoretical approaches is presented, demonstrating the long permanence of a representational approach. A rupture is then observed within the debates on new materialities, in particular the ontological approach, which opposes the logic of symbolism and offers other possibilities of analysis by means of non-representational methods.

Keywords: archaeology, amerindian world, iconography, methods, new materialities.

Introdução

Esse artigo reflete sobre os modos pelos quais as imagens encontradas nos objetos vem sendo tratadas pela Arqueologia, concentrando-se inicialmente na noção de representação e mais recentemente questionando-a a partir da ideia de não-representação. Essa mudança nos modos de tratamento dos estudos iconográficos na Arqueologia é influenciada pela integração do pensamento arqueológico aos debates filosóficos das ciências humanas e pelo surgimento de propostas teóricas no âmbito da teoria arqueológica denominadas de «novas materialidades» (Hodder, 2012; Olsen, 2012; Thomas, 2015). Mais especificamente no contexto da Arqueologia Amazônica destacam-se as contribuições da Etnologia Indígena sobre as ontologias nativas (Descolá, 1998, 2005; Ingold, 2000; Viveiros de Castro, 1996, 2002), que se inserem num diálogo que vem sendo realizado com a essa área objetivando o estudo dos diferentes regimes de figuração pré-coloniais, pensados em termos de continuidades e transformações na longa duração (Gomes, 2007, 2010, 2012, 2016, 2017).

Essa aproximação por parte da Arqueologia tem devotado esforços ao entendimento dos aspectos ontológicos —aqui definidos como a compreensão do ser no mundo— relativos às imagens associadas ao universo ameríndio, buscando ainda por meio das informações contextuais e das características formais dos próprios artefatos a compreensão da performance dos objetos ou das situações nas quais esses estiveram envolvidos, além da capacidade que eles tiveram de interagir e afetar as pessoas e o seu entorno. Conforme o exemplo das cerâmicas do baixo Amazonas a serem apresentados, o que se objetiva é explorar arqueologicamente as possibilidades de entendimento relacional dos objetos para além da simples leitura, descrição e identificação dos referentes contidos nas imagens.

A Noção de Representação

Desde o Renascimento, as imagens contidas nos objetos arqueológicos foram compreendidas como representações visuais de situações reais ou mitológicas, que poderiam ser confrontadas às fontes históricas documentais (Trigger, 2004). Essa prática se perpetuou na Arqueologia Clássica e do Mediterrâneo. Com o desenvolvimento da História da Arte como disciplina, contribuições tais como a de Panofsky (1986/1955), que acredita que as imagens representacionais de fato comunicam mensagens que expressam sistemas de crença ou ideias, serviram para sedimentar na Arqueologia a noção de representação. Para Panofsky, busca-se atingir o nível «iconológico» ou o do significado intrínseco da imagem. E assim diversos sistemas visuais ameríndios, a exemplo da iconografia Moche e Asteca, tem sido estudados ao longo do tempo.

As Imagens Vistas pela Arqueologia Processual

Conforme sabemos, a Arqueologia Processual desenvolveu uma epistemologia científica positivista, com ênfase no teste de hipóteses e na investigação sobre a adaptação ao meio ambiente, mas raramente se ocupou dos aspectos simbólicos, dando ênfase à economia e às questões sociais. Questões relativas à religião e ao simbolismo foram abordadas de modo superficial, sem embasamento teórico. Entretanto, no âmbito da Arqueologia Processual, Renfrew & Zubro (1994) promoveram a Arqueologia Cognitiva e com ela reforçaram a noção de representação. Esses autores partiram da premissa de que era possível acessar os sistemas de cognição das pessoas, concentrando seus objetivos nas habilidades humanas de construir e usar símbolos. As imagens eram vistas como a evidência arqueológica que denotava um espelhamento ou um retrato real das relações sociais de um grupo, compreendidas por meio da interação com os outros sub-sistemas (econômico e político).

Contrário ao relativismo, Renfrew (1994) questionou os conceitos de significado e interpretação, considerando mais produtivo o uso das técnicas científicas de pesquisa, buscando com isso construir um quadro de referência mais do que fazer uso da via interpretativa. Ressalta que a recuperação dos

sistemas de crenças deveria ser feita por meio do estudo da iconografia, dos enterramentos e da arquitetura monumental. Para o autor, a iconografia dentre eles é a via mais promissora para abordar os sistemas de crença. Entretanto, a interpretação não objetiva atingir um significado preciso dos símbolos, sendo possível detectar a recorrência de temas fazendo uso de fontes escritas e da analogia etnográfica.

O Simbolismo na Arqueologia Pós-Processual

A partir das críticas que se seguiram nos anos 1980, sobre o caráter positivista da Arqueologia e suas análises fundamentadas no funcionalismo ecológico, essas acabaram configurando o que se chamou de pós-processualismo. Alguns temas ganharam visibilidade, ressaltando o caráter humanista da Arqueologia. Para a Arqueologia pós-processual interpretativa, de influência estruturalista e pós-estruturalista, a cultura material e conseqüentemente as imagens foram compreendidas como símbolos, elementos fragmentados que constituem a cultura e que transmitem informações, por vezes de forma ambígua e contraditória. As imagens seriam, portanto, símbolos de natureza arbitrária, estruturados por princípios tais como ideologia e poder e investidos de significados pelos seres humanos.

Por outro lado, os significados dos símbolos, de acordo com Hodder (1982, 1986) poderiam ser resgatados pelos arqueólogos através da interpretação dos contextos arqueológicos, entendidos como o locus da interação entre objetos e pessoas e explicados em termos de relações sociais, cultura e poder. A cultura material era «significativamente constituída» como linguagem, como texto, cujo significado poderia ser extraído (Hodder, 1982, p. 13). Trabalhos como *Symbols in Action* (1982) e *Interpreting Archaeology* (1986), foram bastante influentes nas análises iconográficas desenvolvidas no âmbito da Arqueologia nos anos 1990 e 2000.

Paralelamente, surge nos anos 1980 uma subdisciplina da arqueologia identificada como «estudos de cultura material», investigando a produção,

recepção e consumo dos artefatos num quadro que se volta para a materialização das relações humanas (Miller, 1987). De acordo com essa dialética as pessoas fazem objetos, que possuem agência, personalidade e agem na formação dos sujeitos humanos. Contudo, os objetos não foram vistos como atores independentes.

A Interface com a Antropologia

Num momento em que a Arqueologia em termos mundiais chegou a um consenso que rejeita a oposição entre o pensamento processual e pós-processual visando muito mais a integração de ambas as visões, outras preocupações teóricas têm emergido dando lugar a abordagens bastante distintas dos interesses desde a década de 1980 (Thomas 2015). Esses debates podem ser vistos à princípio como uma extensão do pós-processualismo, que se tornou a tendência hegemônica cuja abordagem dominante é a representação, mas se distinguem desse na medida em que rejeitam temas antigos (poder, ideologia, agência individual etc.) e elegem novos.

Tais debates se organizam a partir da ideia «de retorno às coisas», consideradas ativas e inseridas numa perspectiva analítica que dá conta não só das coisas, mas de um conjunto heterogêneo composto por coisas, pessoas e outros não-humanos, o que faz com que as análises não sejam centradas unicamente nos seres humanos. Tais debates se disseminaram recentemente na Arqueologia, na Antropologia, nas Ciências Sociais e nas Humanidades, e constituem o que vem sendo chamado de virada ontológica. Na Arqueologia se afirmam como realismo especulativo, filosofias orientadas a partir dos objetos e abordagens explicitamente ontológicas, sendo essa definida como a investigação de caráter fundamental das coisas do mundo.

No que tange aos estudos iconográficos sobre o mundo ameríndio, desenvolvidos em consonância com preocupações ontológicas, esses se beneficiaram dos aportes oferecidos pela Antropologia da Arte e pela Etnologia

Indígena. Em destaque o trabalho de Alfred Gell (1998) sobre a agência (secundária) e a abdução dos objetos de arte. Também as contribuições teóricas de Philippe Descola (1986, 2005) com a reformulação da antiga noção evolucionista de animismo proposta por Edward Burnett Tylor (1871); e de Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002) com a proposição de uma teoria do pensamento ameríndio, que reconhece o perspectivismo como a ontologia dominante na paisagem do continente americano. Essa ontologia junto com a noção de multinaturalismo (múltiplos mundos naturais, partindo da premissa existente entre muitos grupos ameríndios de que é a humanidade que constitui a condição original de todos os seres e fenômenos naturais e que a diferença está nos corpos, em oposição a múltiplas visões culturais), possuem um impacto que ultrapassa as fronteiras da Antropologia, atingindo a Arqueologia. As limitações dessa teoria como paradigma generalizado também são consideradas, uma vez que o mesmo apresenta fortes nuances ou ainda uma completa ausência em determinados casos, tendo em vista a diversidade de conceitos indígenas e modos de percepção dos seres nas cosmologias ameríndias conforme indicado pela pesquisa etnográfica recente e análises comparativas conduzidas nas terras baixas ameríndias (Halbmayer, 2012).

Vários trabalhos etnológicos tem analisado a arte como linguagem estética, além de explorar a relação entre artefatos e pessoas, considerando seus sistemas cosmológicos. As capacidades diferenciadas de agência desses mesmos objetos, vistos como seres animados ou subjetividades, também tem sido consideradas. E por fim questões associadas à performance (Barcelos Neto, 2008; Belaunde, 2013; Fausto, 2013; Fausto e Severi, 2016; Gordon, 2011; Hugh-Jones, 2009, 2016; Lagrou, 1996, 1998, 2007, 2009, 2011a, 2011b; 2012, 2013, 2016; Miller, 2009; Müller, 1992; Santos-Granero, 2009a, 2009b; Van Velthem, 1995, 2001, 2003, 2009, 2013; Vidal, 1992).

Fernando Santos-Granero (2009) deu um importante passo em direção à construção de uma teoria geral dos objetos no mundo ameríndio. Por meio de vários exemplos etnográficos reunidos pelo autor numa coletânea de textos, os

objetos são evidenciados como presentes nas cosmologias e no imaginário dos nativos amazônicos. Segundo Santos-Granero, há várias categorias de objetos cujo grau de subjetivação difere também em termos de agentividade. De acordo com algumas ontologias, acredita-se alguns deles sejam subjetividades possuidoras de vida social que seguem seus próprios caminhos (Santos-Granero, 2009).

No âmbito da Arqueologia, diversos estudos arqueológicos dedicados à construção de interpretações ontológicas, baseadas tanto em análises empíricas como especulativas fazendo uso da analogia etnográfica (Alberti, 2013; Alberti & Marshall, 2009; Bray, 2009; Gomes, 2017; Swenson, 2014), são iniciativas que surgem num contexto de emergência de um novo paradigma na antropologia que busca superar a ontologia ocidental de caráter dualista, que divide o mundo em sujeito/objeto, mente/matéria, natureza/cultura etc. e se aproxima de uma visão simétrica de produção do conhecimento aberta à compreensão de outras realidades, de outros modos de ser e estar no mundo. Nesse sentido, o interesse da Arqueologia pelas ontologias envolve a crítica ao antropocentrismo, bem como a mudança de atitude em torno das coisas físicas, especialmente dos objetos buscando compreender o que são e como se relacionam esses objetos, ao invés de o que eles significam.

Abordagens Não-Representacionais e Pós-Interpretativas

Como «retorno às coisas», que se dá por vários caminhos, também se enfraquece a noção de que as coisas representam, significam, calcada na longa tradição acadêmica dualista de separação entre mental e material. A proposta de Henare *et al.* (2007), de pensar o mundo através das coisas, marca a renovação do interesse da antropologia pela cultura material, além da sugestão radical feita pelos autores de que as coisas devem ser tratadas como significado, ou que as coisas não carregam significado elas são o significado. Essa tendência presente na antropologia cultural gerou uma oposição à antropologia interpretativa associada a Clifford Geertz (1973), que trata a cultura como um sistema de símbolos ou conceitos, opondo-se ainda à

antropologia cognitiva. Por sua vez, o foco nas ontologias propiciou que aspectos tais como a dimensão praxeológica, as técnicas corporais e a dinâmica interativa da cultura emergissem com grande força.

A rejeição ao representacionalismo por parte da antropologia fez com que a análise da dimensão simbólica aproximasse o sujeito dos objetos e os etnólogos descrevesse-nos da mesma forma que seus interlocutores: «se transformando em divindades, estabelecendo ou constituindo relações ou criando pessoas» (Palecek & Risjord, 2013, p. 8). Uma vez que as ontologias surgem do entendimento de uma rede de interações das relações entre pessoas e seu ambiente, segundo Palecek & Risjord (2013) somente através da interpretação é que essas relações significativas podem ser determinadas. Esses autores questionam o anti-representacionalismo levado ao extremo, argumentando que é nesse ponto que a proposta de tradução de uma língua ou da interpretação etnográfica parece se perder, comprometendo o projeto mais amplo da antropologia que é compreender a diferença humana. Vemos, portanto, que essa não é uma tendência universalmente aceita na antropologia.

A proposição de abordagens iconográficas não-representacionais surge a partir daí e também da noção de que existem múltiplas ontologias, ou ainda mundos diferentes que possuem outras formas de materialidade e de que alguns desses seriam virtualmente inacessíveis à nossa cognição. Segundo alguns estudiosos, as abordagens arqueológicas tradicionais que tentam extrair significados simbólicos das imagens seriam completamente inúteis. Já de acordo com as abordagens não-representacionais mais radicais, essas tomam as coisas como elas de fato são —inspiradas em Henare *et al.* (2007)— a exemplo da análise da arte rupestre escandinava desenvolvida por Fredrik Fahlander (2013) que propõe um olhar mais detido nas imagens, minimizando o conteúdo figurativo e focalizando os aspectos de produção e apropriação relacionados ao lugar e à materialidade, as representações figurativas são tomadas de modo essencial. Numa crítica à tradição interpretativista escandinava que reforça o

posicionamento acima, Bjorn Olsen (2012, p. 22) aponta que os registros rupestres sempre representam e significam alguma coisa (ancestrais, ritos de passagem, totens, gênero, poderes sobrenaturais, etc.) sendo que «a figura de um barco nunca é um barco, uma rena nunca é uma rena e um rio é sempre um rio cósmico».

Por outro lado, Alberti & Marshall (2009) reconhecem a existência de artefatos que de fato consistem em formas de representação, mas julgam apenas que diante da proposta de construção de explicações ontológicas a lógica da representação não pode ser assumida a priori. Igualmente inspirados em Henare *et al.* (2007) consideram que tais interpretações surgem a partir de um exercício metodológico baseado na interação gerada entre «as anomalias» do material e a teoria. Para os primeiros autores, a relação entre teoria e método deve ser pensada e praticada de modo conjunto, mais do que sequencialmente, visto que as abordagens analíticas do presente são problemáticas, porque se baseiam em um repertório classificatório prévio que impede a possibilidade da «quebra ontológica» uma vez que os dados são colocados em esquemas pré-existentes.

Assim sendo, a contribuição da abordagem ontológica é propiciar «uma questão em aberto, um convite para pensar a diferença», sendo que os resultados não são estudos de caso de ontologias do passado mas estudos de conjuntos artefatuais que produzem novas compreensões sobre corpos, artefatos ou algo inteiramente não esperado (Alberti *et al.* 2011, p. 901). Martin Holbraad (Alberti *et al.* 2011) elege alguns princípios metodológicos, do que chama de «ontografia», passíveis de serem seguidos por etnólogos e arqueólogos. Esses ilustram a articulação proposta entre teoria e método e podem assim ser sintetizados:

1. Descreva seu material etnográfico ou arqueológico da melhor forma possível, com todos os conceitos à sua disposição para representá-lo de forma mais acurada. Use os critérios comuns representacionais para julgar a acurácia das descrições. Confronte-os com os fatos que você levantou em campo.
2. Submeta suas descrições a contradições lógicas. Situações colocadas por seus informantes que pareçam irracionais são bons candidatos ao escrutínio lógico. Quando você mostrar as contradições, encontrou a "alteridade".
3. Especifique

os conflitos conceituais que geraram as contradições. Que conflitos estão envolvidos? 4. Experimente redefinindo de diferentes modos os conceitos que geraram contradições. Enquanto os conceitos que você definiu são derivados de descrições (de sucesso ou não) de materiais etnográficos ou arqueológicos, a responsabilidade pela reconceitualização é sua. O seu material não vai te dar as respostas, apenas os termos segundo os quais eles foram gerados. Sinta-se à vontade para obter respostas com antropólogos, filósofos e outros pensadores para inspiração e comparação. 5. Transparência com o seu material. Apenas se as suas redefinições conceituais permitem articular verdadeiras representações do fenômeno cuja descrição anterior lhe parecia uma contradição, seu trabalho está feito. (Alberti et al., 2011, p. 908)

Em outro artigo, Alberti (2013) mostra novamente que o caminho para lidar com a imagem não é o da teoria padrão da representação ou de um exercício de simples leitura da imagem. Em seu estudo sobre as miniaturas cerâmicas de La Candelaria, noroeste da Argentina, que datam do primeiro milênio A.D., o autor faz uso da analogia etnográfica e da teoria perspectivista para pensar sobre esses potes, argumentando que se trata não só de uma questão de escala, mas de intensidade. Para ele as vasilhas (miniatura) existem num estado ontológico de equivalência com outros corpos e pensamento, sendo que o pensamento indígena é tratado como um discurso teórico sobre a natureza da realidade e não simplesmente como uma interpretação interessante. Baseado na etnografia Wari, Alberti trabalha a hipótese interpretativa de que as miniaturas seriam armadilhas de espíritos —visto que de acordo com as etnografias amazônicas alguns espíritos conservam a forma humana, outros podem ser diminutos, múltiplos, brilhantes, adornados, grandes ou grotescos (Viveiros de Castro, 2006)— como uma possibilidade ontológica.

Esse último exemplo sugere que as imagens funcionariam como a possibilidade de encontrar mundos não familiares e avaliar a adequação de nosso aparato conceitual (Jones & Alberti, 2013, p. 26). De acordo com os autores, um relato satisfatório do passado não deve ser uma representação do que corresponderia à realidade, mas esse reside na ambivalência entre a teoria e a interpretação arqueológica.

A figura do arqueólogo interpretativista, dedicado a fazer com que os artefatos nos falem sobre as pessoas do passado, forjada a partir da experiência pós-processual, tem sido rejeitada mais ainda por aqueles que se colocam «além da interpretação», enfatizando a imbricação de teorias, pessoas e do aparato descritivo. Para autores como Olsen (2012, p. 22), a arqueologia tenta reconstruir memórias materiais, muito mais do que narrativas marcadas pelo particularismo histórico. Para esse autor, por que aquilo que é simples e imediato e diretamente perceptível deve ser menos interessante e significativo do que o abstrato? De toda a forma, não se rejeita a interpretação, mas o modo como a compreensão é gerada por meio das coisas.

O que se deve destacar é que de maneira crescente os arqueólogos estão confortáveis com a visão de que as sociedades são constituídas por diversas entidades (pessoas, animais, artefatos, paisagens, etc.) que interagem entre si, mais do que compostas por relações exclusivamente humanas. A abordagem relacional de fato é o ponto comum entre as diversas tendências contemporâneas. A teoria ator-rede de Latour (2005), que rompe com a distinção entre objetos e conceitos, humanos e não humanos, é um exemplo dessa perspectiva, que pode contribuir para pensar tais relações.

Além disso, a recente contribuição de Hodder (2012) acerca das relações entre as pessoas e as coisas também expressa uma preocupação relacional, embora de modo algum marcada por um enfoque ontológico. Esse autor ao rejeitar a noção de que as coisas simplesmente são fixas e inertes, desenvolveu um argumento com relação aos modos pelos quais as pessoas e as coisas se tornam correlacionadas, entrelaçadas, umas com as outras de modo heterogêneo. Esse entrelaçamento pode gerar relações tanto de associação quanto dominação e subordinação entre as pessoas e as coisas. Sua abordagem é construída a partir de um ponto de vista das coisas como entidades, embora leve em conta que a percepção das pessoas sobre as coisas depende do uso que elas fazem delas.

Segundo esse autor, as pessoas dependem das coisas para se manterem vivas, para socializar, comer e pensar e em diversos outros sentidos as coisas dependem dos humanos e de outras coisas. Hodder (2012) embora não advogue uma estratégia ontológica, se distancia da visão antropocêntrica e reducionista de que as pessoas somente fazem, usam, descartam e representam as coisas.

A Iconografia Amazônica e suas Figurações Intensas

A maior parte das análises iconográficas desenvolvidas na Arqueologia Amazônica descendem de uma vertente interpretativa que enfatiza o conteúdo simbólico e representacional das imagens, especialmente tendo em vista seus sistemas figurativos icônicos (Barreto, 2008; Gomes, 2001, 2002; Guapindaia, 2001; McEwan, 2001; Roosevelt, 1988; Schaan, 2001). Alguns desses estudos são essencialmente descritivos, embora apresentem destacadas contribuições no que se refere à condução de análises formais, a exemplo das pesquisas desenvolvidas por Schaan (1997, 2001) nos sistemas figurativos Marajoara, que documentam um processo de progressiva estilização da figuração icônica em direção à abstração, até resultar em unidades mínimas de significação.

Por outro lado, são recentes as preocupações de caráter teórico e metodológico. Uma mudança nessa trajetória pode ser identificada na análise conduzida por Gomes (2007) cujo objetivo foi analisar a iconografia dos objetos rituais da cultura Santarém (1000-1600 A.D.), Baixo Amazonas, por meio de uma abordagem centrada na analogia etnográfica, ao propor uma correlação da iconografia cerâmica de diversos objetos rituais com o conceito de perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 1996, 2002), com vistas a ampliar as possibilidades interpretativas acerca da definição de sua morfologia social. Essa proposta, ao inserir preocupações relativas à importância das cosmologias amazônicas e sua articulação com aspectos associados à organização sociopolítica dos grupos pré-coloniais tardios distanciava-se das abordagens arqueológicas anteriores marcadas pelo

funcionalismo e pelo uso de categorias neo-evolucionistas, sendo uma forma alternativa para se pensar questões relativas à mudança, à causalidade e às relações sociais de acordo com categorias nativas, pensadas na longa duração.

Um modelo teórico sobre a existência de uma estética pré-colonial americana de caráter perspectivista foi elaborado, baseado na ocorrência de objetos rituais provenientes de diferentes regiões (Amazônia, Andes, Mesoamérica, Costa Noroeste da América do Norte etc.) que exibem corpos em estado de transformação (Gomes, 2012). É necessário enfatizar que esses corpos ainda que apresentem características humanas e de animais não foram pensados com representações estáticas de seres híbridos, mas como a materialização do movimento ou da transmutação de estados.

A identificação de distintos temas iconográficos relativos ao xamanismo e às relações cosmológicas, associada aos resultados de escavações realizadas entre 2006 e 2014 nos principais sítios da cultura Santarém (Aldeia e Porto) e aos dados de padrões de assentamento a partir de levantamentos realizados numa área de 500 km² permitiu construir uma interpretação ontológica sobre essa sociedade pré-colonial tardia, enfatizando estratégias intencionais de manutenção de uma ordem igualitária, que relaciona aspectos representacionais a outros não representacionais, além de identificar espaços indicando a agência de objetos rituais (Gomes, 2017). Nesse sentido, o que subjaz à interpretação são concepções acerca das ontologias amazônicas, que compreendem várias formas de vida, objetos, pessoas, coisas naturais ou artificiais que agem como membros de uma única comunidade.

Mas o que dizer sobre os novos debates acerca da materialidade e do distanciamento das noções de representação? Seria necessário ignorar o potencial icônico de imagens de alguns estilos amazônico altamente representacionais e icônicos que parecem materializar ideias e se voltar a propostas metodológicas que em última instância recomendam a simples descrição? Pessoalmente acredito que não e que certas imagens do universo amazônico podem ter uma compreensão a partir da analogia etnográfica e em última instância nos informar sobre a realidade de mundos do passado aos quais não temos mais acesso.



Figura 1. Estatueta realista de possível homem-xamã, sentado com adornos corporais, a exemplo dos lóbulos alargados e perfurados. Destacam-se ainda as pernas atrofiadas. Cultura Santarém. Museu Nacional – UFRJ. Fotografia: Denise Maria Cavalcante Gomes.

Figura 2. Apêndice zoomorfo, com profusão de ponteados, que exhibe a cabeça de um urubu-rei sobreposta por uma tartaruga. Cultura Konduri. Museu Nacional – UFRJ. Fotografia: Luisa Vidal Oliveira.



Figura 3. Vaso-corpo com face antropomorfa e braços escalonados, que se assemelham a figurações zoomorfas. Cultura Santarém. Museu Nacional – UFRJ. Fotografia: Luisa Vidal Oliveira.

Essa gama de reflexões em torno da materialidade pode levar a interpretações talvez menos calcadas na própria imagem, uma vez que mesmo as abstrações que elas suscitam estão envoltas em dimensões pragmáticas e na experiência. Além disso, ainda em estilos nos quais predomina a figuração, a exemplo de Santarém, que apresenta figuras humanas que de modo inquestionável foram designadas para serem vistas como pessoas (Figura 1), existem também figurações ambíguas ou complexas (não exatamente humanos, nem animais, nem artefato, ou uma mistura delas, podendo ser espíritos, seres míticos, etc.), que não permitem uma pronta leitura ou identificação de sua existência (Figura 3). O mesmo pode ser dito de muitas figurações cerâmicas da cultura Konduri, do Baixo Amazonas, que embora aparentemente icônicas são intencionalmente envoltas numa profusão de ponteados e incisões que dissolvem os contornos e desfiguram a composição original, fazendo emergir múltiplas figurações (Figura 2).

De toda a forma, o conhecimento ora reunido sugere que a análise iconográfica desenvolvida em conformidade com as ontologias nativas e com base a analogia etnográfica deve ter como ambição compreender o lugar que tais materiais tiveram no mundo, sendo que essa não se esgota com a apresentação visual, identificação e descrição dos referentes das imagens icônicas e nem com a tentativa de decifração de significados de figurações não muito específicas. Esses procedimentos analíticos são apenas parte de um processo, guiado por questões metodológicas e teóricas e que culmina com a interpretação.

Partindo de uma perspectiva pragmática, voltada para a compreensão dos contextos rituais e com base na analogia etnográfica, defendo que certos conceitos e ideias abstratas parecem ter sido materializados na cerâmica de Santarém com um sentido mneumônico —funcionando como dispositivos de memória—. Essas são centrais para sustentar as ideias de continuidade de uma mesma ontologia perspectivista, presente tanto entre os grupos pré-coloniais bem como entre os indígenas contemporâneos. Dentre eles destacam-se: a transformação ou metamorfose corpórea, os seres míticos e a

alteração de perspectiva. A transformação corpórea pode ser inferida por meio de imagens existentes em artefatos rituais, geralmente encontrados em estruturas deposicionais especiais e intencionalmente quebrados, que mostram seres com características híbridas, a exemplo do urubu-rei com traços humanos, de homens deitados com cauda e feições animalizadas ou com feições humanas e atributos xamânicos, mas com corpo de serpente (Gomes, 2001, 2002, 2012, 2017).

Seres míticos, como o urubu-rei de duas cabeças foram reconhecidos a partir da analogia etnográfica, cujas cosmologias de grupos do Xingu e do Amapá (Waiapi), mencionam a existência desses seres. Já a troca de perspectiva aparece em certos tipos de vasos (globulares) com figuras que podem se alterar de acordo com o movimento do artefato ou com a mudança de ângulo do observador, tais como as chamadas figuras duais (Barata, 1950) que mudam de feição conforme o ângulo de observação ou ainda os detalhes tais como as orelhas das figuras femininas que sustentam o vaso de cariátides e que dependendo do ângulo se assemelham a bicos de pássaros (Gomes, 2012, 2017). Esses são elementos que vinculam essa gama de artefatos ao ritual e conseqüentemente ao movimento.

Nesse sentido, o olhar dirigido a esses artefatos ultrapassa a dimensão descritiva da representação e adentra a um universo relacional, que envolve a interação de objetos xamânicos, com seres humanos, imagens de animais, espíritos e seres míticos. Os objetos e suas imagens são assim pensados como parte de ações mneumônicas, que funcionam como gatilhos, que acionam ideias e conceitos, ou ainda de artefatos que interagem com as pessoas de diferentes modos alterando suas percepções e estados de ânimo, sendo ele componentes ativos dos rituais.

Tendo em conta a proposta metodológica não representacional, as figurações realistas de animais, humanos, seres não-humanos, conceitos cosmológicos (Figura 4) e possíveis narrativas mitológicas, encontradas nos vasos cerâmicos de Santarém, parecem confundir o analista em busca de «anomalias». Mas o que emerge de uma maneira recorrente é a noção de transformação corpórea ou metamorfose, figurada de diferentes modos (Figura 5).



Figura 4. Vaso de cariátides, interpretado como a materialização da idéia de organização do cosmos em patamares (inframundo, terra e céu, rodeado de urubu-reis). Cultura Santarém. MAE-USP. Fotografia: Cláudio Wakahara. Adaptado de Gomes (2002).



Figura 5. Vaso globular, figurando um ser híbrido (homem com cauda e feições animalizadas), em transformação. MAE-USP. Fotografia: Cláudio Wakahara. Adaptado de Gomes (2002).

Juntos os temas iconográficos acima mencionados permitem reconhecer a importância do xamanismo e de uma ontologia animista/perspectivista que se coloca num contexto de adensamento populacional e emergência da complexidade social em épocas tardias (séculos XIII a XVI d. C). Quando associados à teoria e a outros aspectos materiais (ex. padrões de assentamento, formas de deposição intra-sítio, etc.) uma interpretação acerca da morfologia social de Santarém, vista como uma possibilidade ontológica, pôde ser elaborada (Gomes, 2017).

Conclusão

O desafio acerca de como tratar as imagens presentes nos objetos arqueológicos está lançado. A sugestão da presente reflexão metodológica em torno das abordagens não representacionais se dá em virtude das tendências mais recentes —as novas materialidades ou teoria das coisas que surgem nas ciências humanas—, lembrando que a Arqueologia ao lidar com a materialidade de modo transdisciplinar e propiciar uma abertura para questões relacionadas às ontologias nativas permite o surgimento de novas perspectivas, que enfatizam a vitalidade das interações entre humanos e não humanos além da possibilidade de emergência de novas realidades não previstas pela pesquisa. Para que isso ocorra é necessário tomar «a alteridade arqueologicamente» (Alberti *et al.* 2011). Afinal não se almeja encontrar imagens que consistam num tipo de descrição fiel ou espelhamento de realidades do passado, mas produzir uma interpretação capaz de captar a essência desses mundos.

Agradecimentos

Agradeço a Luisa Vidal Oliveira pelas fotos dos artefatos pertencentes à reserva técnica de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ. Sou grata a Renzo Rojas Rupy pelo convite para participar do presente dossiê da Revista Kaypunku.

Referências

Alberti, B. (2013). Archaeology and Ontologies of Scale: The Case of Miniaturization in First Millennium Northwest Argentina. In B. Alberti, A. M. Jones & J. Pollard. (Eds.). *Archaeology After Interpretation: Returning Materials to Archaeological Theory* (pp. 43-58). Walnut Creek: Left Cost Press.

Alberti, B. & Marshall, Y. (2009). Animating Archaeology: Local Theories and Conceptually Open-Ended Methodologies. *Cambridge Archaeological Journal*, 19(3), 345-357.

Alberti, B. Fowles, S., Holbraad, M., Marshall, Y. & Witmore, C. (2011). Worlds Otherwise: Archaeology, Anthropology and Ontological Difference. *Current Anthropology*, 52(6), 896-912.

Barata, F. (1950). *A arte oleira dos Tapajó I. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos* (Publicação n. 2). Belém, Brasil: Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará.

Barcelos Neto, A. (2008). *Apapaatai. Rituais de máscaras no Alto Xingu*. São Paulo, Brasil: Edusp.

Barreto, C. N. G. (2008). *Meios místicos de reprodução social: Arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo.

Belaunde, L. E. (2013). Movimento e Profundidade no Kene Shipibo-Konibo da Amazônia Peruana. In C. Severi & E. Lagrou. (Orgs.), *Quimeras em Diálogo: Grafismo e Figuração nas Artes Indígenas* (pp. 199-222). Rio de Janeiro: 7 Letras.

Bray, T. (2009). An Archaeological Perspective on the Andean Concept of *Camaquen*: Thinking Through Late Pre-Columbian Ofrendas and Huacas. *Cambridge Archaeological Journal*, 19(3), 357-366.

Descola, P. (1986). *La nature domestique: symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar*. Paris, Francia: Maison des Sciences de L'Homme.

Descola, P. (2005). *Par delà Nature et Culture*. Paris, Francia: Gallimard.

Fahlanderf, F. (2013). Articulating Relations: A Non-Representational View of Scandinavian Rock Art. In B. Alberti, A. M. Jones & J. Pollard. (Eds.), *Archaeology After Interpretation: Returning Materials to Archaeological Theory* (pp. 305-24). Walnut Creek: Left Cost Press.

Fausto, C. (2013). A Máscara do Animista: Quimeras e Bonecas Russas na América Indígena. In C. Severi & E. Lagrou. (Orgs.), *Quimeras em Diálogo: Grafismo e Figuração na Arte Indígena* (pp. 305- 331). Rio de Janeiro, Brasil: 7 Letras.

Fausto, C. & Severi, C. (2016). Introdução: De Imagens e Palavras. In C. Fausto & C. Severi. (Orgs.), *Palavras em Imagens: Escrita, Corpos e Memórias* (pp. 1-10). Marseille: OpenEdition Press. doi: 10.4000/books.oep.754

Gell, A. (1998). *Art & Agency: An Anthropological Theory*. Oxford: Claredon Press.

Gomes, D. M. C. (2001). Santarém: Symbolism and Power in the Tropical Forest. In C. McEwan, C. Barreto & E. Neves. (Eds), *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 134–55). London: British Museum Press.

Gomes, D. M. C. (2002). *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica do MAE-USP*. São Paulo, Brasil: Edusp/Fapesp /Imprensa Oficial.

Gomes, D. M. C. (2007). The Diversity of Social Forms in Pre-colonial Amazonia. *Revista de Arqueologia Americana*, (25), 189–225.

Gomes, D. M. C. (2010). Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In E. Pereira & V. L. C. Guapindaia (Eds.), *Arqueologia Amazônica* (Vol. 1, pp. 213–34). Belém, Brasil: Museu Paraense Emílio Goeldi/SECULT/IPHAN.

Gomes, D. M. C. (2012). O perspectivismo Ameríndio e a ideia de uma estética Americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, 7(1), 133–159.

Gomes, D. M. C. (2016). O Lugar dos Grafismos e das Representações na Arte Pré-Colonial Amazônica. *Mana*, 22(3): 671-703. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442016v22n3p671>

Gomes, D. M. C. (2017). Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. *Cambridge Archaeological Journal*, 27(2), 275-293. doi:10.1017/S0959774316000627

Gordon, C. (2011). Em nome do belo: o valor das coisas xikrin-mebêngôkre. In F. A. Silva & C. Gordon. (Orgs.), *Xikrin: Uma Coleção Etnográfica* (pp. 207-223). São Paulo, Brasil: EDUSP.

Gow, P. (1989). Visual Compulsion: Design and Image in Western Amazonian Art. Revindi. *Revista Indigenista Americana*, 2, 19-32.

Guapindaia, V. L. C. (2001). Encountering the Ancestors: The Maracá Urns. In C. McEwan, C. Barreto & E. Neves. (Orgs.), *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 156-173). London: The British Museum Press.

Halbmayer, E. (2012). Debating animism, perspectivism and the construction of ontologies. *Indiana*, 29, 9-23.

Henare, A., Holbraad, M., & Wastell, S., (2007). Introduction. In A. Henare, M. Holbraad & S. Wastell. (Eds.), *Thinking Throuhg Things: Theorizing Artefacts Ethnographically* (pp. 1-37). London: Routledge.

Hodder, I. (1982). *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hodder, I. (1986). *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hodder, I. (2012). *Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things*. West Sussex: John Willey and Sons, Inc.

Hugh-Jones, S. (1994). Shamans, Prophets, Priests and Pastors. In N. Thomas & C. Humplrey. (Eds.), *Shamanism, History and the State* (pp. 32-75). An Harbour: University of Michigan Press.

Hugh-Jones, S. (2009). The Fabricated Body: objects and Ancestors in Northwest Amazonia. In F. Santos Granero. (Org.), *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood* (pp. 33-59). Tucson: University of Arizona Press.

Hugh-Jones, S. (2016). Escrita nas Pedras, Escrita no Papel (Noroeste da Amazônia). In C. Fausto & C. Severi (Orgs.), *Palavras em Imagens: Escrita, Corpos e Memórias* (pp. 1-40). Marseille: OpenEdition Press. doi: 10.4000/books.oep.754

Ingold, T. (2000). *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.

Jones, A. M. & Alberti, B. (2013). Archaeology After Interpretation. In B. Alberti, A. M. Jones & J. Pollard. (Eds.). *Archaeology After Interpretation: Returning Materials to Archaeological Theory* (pp. 15–35). Walnut Creek: Left Cost Press.

Lagrou, E. (1996). Xamanismo e Representação entre os Kaxinawá. In E. J. Langdon. (Org.), *Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas* (pp.197-231). Florianópolis, Brasil: Editora UFSC.

Lagrou, E. (1998). *Caminhos, duplos e corpos. Uma abordagem perspectivista da identidade e alteridade entre os Kaxinawa* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo.

Lagrou, E. (2002). O que nos diz a Arte Kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade? *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 8(1), 29-62.

Lagrou, E. (2007). *A Fluidéz da Forma. Arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro, Brasil: Topbooks.

Lagrou, E. 2009. *Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte, Brasil: ComArte.

Lagrou, E. (2011a). Le Graphisme sur les Corps Amérindiens. Des Chimères Abstraites? *Gradhiva*, (13), 69-93.

Lagrou, E. (2011b). Existiria uma arte das sociedades contra o Estado? *Revista de Antropologia*, 54(2), 747-780.

Lagrou, E. (2012). Perspectivismo, animismo y quimeras: Una reflexión sobre el grafismo ameríndio como técnica de alteración de la percepción. *Mundo Amazónico*, 3, pp.54-78.

Lagrou, E. (2013). Podem os grafismos ameríndios ser considerados quimeras abstratas: uma reflexão sobre uma arte perspectivista. In C. Severi & E. Lagrou. (Orgs.), *Quimeras em Diálogo: Grafismo e Figuração na Arte Indígena* (pp. 67-109). Rio de Janeiro, Brasil: 7 Letras.

Lagrou, E. (2016). Um corpo feito de artefatos: o caso da missanga. In C. Fausto, Carlos & C. Severi (Orgs.), *Palavras em Imagens: Escrita, corpos e Memórias* (pp. 1-31). Marseille: OpenEdition Press. doi: 10.4000/books.oep.754

Latour, B. (2005). *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press.

McEwan, C. (2001). Sets of Power: Axiality and Access to Invisible Worlds. In C. McEwan, C. Barreto & E. Neves. (Eds), *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 176-197). London: British Museum Press.

Miller, D. (1987). *Material Culture and Mass Consumption*. Oxford: Blackwell.

Miller, J. (2009). Things as Persons: Body Ornaments and Alterity Among The Mamaindê (Nambikwara). In F. Santos Granero. (Org.), *The Occult Life of Things: Native Amazonian theories of materiality and personhood* (pp. 69-97). Tucson, Arizona: Arizona University Press.

Müller, R. P. (1992). Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Assurini do Xingu. In L. Vidal. (Org.), *Grafismo indígena* (pp. 231-246). São Paulo, Brasil: Studio Nobel/FAPESP/EDUSP.

Olsen, B. (2012). After Interpretation: Remembering Archaeology. *Current Swedish Archaeology*, 20, 11-34.

Panofsky, E. (1955/1986). *Estudos de Iconologia*. Lisboa, Portugal: Estampa.

Palecek, M. & Risjord, M. (2013). Relativism and the Ontological Turn within Anthropology. *Philosophy of the Social Sciences*, 43(3), 3-23. doi: 10.1177/0048393112463335

Renfrew, C. (1994). Towards a Cognitive Archaeology. In C. Renfrew & E. Zubrow. (Eds.), *The Ancient Mind: Elements of Cognitive Archaeology* (pp. 3-12). Cambridge: Cambridge University Press.

Renfrew, C. & Zubrow, E. (Eds.). 1994. *The Ancient Mind: Elements of Cognitive Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Roosevelt, A. C. (1988). Interpreting certain female images in Prehistoric Art. In V. E. Miller. (Ed.), *The role of gender in Precolumbian Art and Architecture* (pp. 1-34). Labham: University Press of America.

Santos-Granero, F. (2009). *The Occult Life of Things: Native Amazonian theories of materiality and personhood* (pp. 1-29). Tucson: University of Arizona Press.

Santos-Granero, F. (2009b). From Baby Slings to Feather Bibles and from Star Utensils to Jaguar Stones. In F. Santos Granero. (Org.), *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood* (pp.105-127). Tucson: The University of Arizona Press.

Schaan, D. P. (1997). *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara: um estudo da arte pré-histórica da Ilha de Marajó, Brasil (400-1300 AD)*. Porto Alegre, Brasil: EDIPUC/RS.

Schaan, D. P. (2001). Into the Labyrinths of Marajoara Pottery: Status and Cultural Identity in Prehistoric Amazonia. In C. McEwan, C. Barreto & E. Neves. (Eds.), *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 108-133). London: The British Museum Press.

Swenson, E. (2014). The Materialities of Place Making in the Ancient Andes: a Critical Appraisal of the Ontological Turn in Archaeological Interpretation. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 22(3). doi: 10.1007/s108016-014-9202-02

Thomas, J. (2015). The Future of Archaeological Theory. *Antiquity*, 89(348), 1287-1296. doi: <https://doi.org/10.15184/aqy.2015.183>

Trigger, B. (2004). *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo, Brasil: Odysseus.

Tylor, E. B. (1871). *Primitive culture: Researches into the Development of Mythology, philosophy, Religion, Art, and Custom*. London: J. Murray.

Van Velthem, L. (1995). *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo.

Van Velthem, L. (2001). The Woven Universe: Carib Basketry. In C. McEwan, C. Barreto & E. Neves. (Eds.), *The Unknown Amazon: Culture and Nature in Ancient Brazil* (pp. 198-213). London: The British Museum Press.

Van Velthem, L. (2003). *O Belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa, Brasil: Editora Assírio & Alvim.

Van Velthem, L. (2009). Mulheres de Cera, Argila e Arumã: Princípios Criativos e Fabricação Material entre os Wayana. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 15(1), 213-236.

Van Velthem, L. (2013). Homens, Guaribas e Artefatos: Alguns Sentidos da Pintura entre os Wajana (Wayana). In C. Severi & E. Lagrou. (Orgs.), *Quimeras em Diálogo: Grafismo e Figuração na Arte Indígena* (pp. 139-161). Rio de Janeiro, Brasil: 7 Letras.

Vidal, L. (1992). A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In L. Vidal. (Org.), *Grafismo Indígena* (pp. 143-189). São Paulo, Brasil: Studio Nobel/FAPESP/EDUSP.

Viveros de Castro, E. (1996). Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 2(2), 115-144.

Viveros de Castro, E. (2002). *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*. São Paulo, Brasil: Cosac & Naify.

Viveros de Castro, E. (2006). A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos. *Cadernos de Campo*, 15(14-15), 319-338.

Denise Maria Cavalcante Gomes

Doutora em Arqueologia pela USP, com Pós-Doutorado em Etnologia Indígena pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Pesquisa a cultura Santarém desde 1997, considerada uma das mais emblemáticas na discussão sobre a complexidade social na Amazônia, inicialmente com estudos de coleções museológicas, com ênfase no estudo da arte e iconografia cerâmica. Suas pesquisas de campo foram iniciadas na região em 2001, o que contribuiu na construção da cronologia local. Em 2006 dá inícios aos trabalhos de longa duração, de delimitação e escavação de dois grandes sítios na área urbana de Santarém, PA. Reflexões no campo da Etnologia Indígena, sobre os sistemas cosmológicos pan-amazônicos, especialmente o Perspectivismo Ameríndio e sua expressão material nos artefatos cerimoniais de várias culturas, levaram à proposição de um modelo sobre a existência de uma «estética americana perspectivista» e ao desenvolvimento de uma linha de pesquisa sobre Arte Pré-Colonial Amazônica.